



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amado, Janaína

Zumbi, o menino que nasceu e morreu livre / Janaína Amado ;
ilustrações de Gilberto Tomé. – 1. ed. – São Paulo : Formato
Editorial, 2012.

ISBN 978-85-7208-816-9

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Tomé, Gilberto. II. Título.

12-10119

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantil 028.5
2. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
8ª tiragem, 2019

Zumbi, o menino que nasceu e morreu livre

COPYRIGHT © Janaína Amado, 2012

ILUSTRAÇÃO © Gilberto Tomé, 2012

GERENTE EDITORIAL: Rogério Carlos Gastaldo de Oliveira

EDITORA-ASSISTENTE: Erika Alonso

AUXILIAR DE SERVIÇOS EDITORIAIS: Flávia Zambon

ESTAGIÁRIA: Gabriela Damico Zarantonello

PROJETO GRÁFICO: Gilberto Tomé | Fonte Design

REVISÃO: Pedro Cunha Jr. e Lilian Semenichin (coords.),

Gabriela Moraes e Roberta Somera

PRODUTOR GRÁFICO: Rogério Strelciuc

IMPRESSÃO E ACABAMENTO :

DIREITOS RESERVADOS À

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.coletivoleitor.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem o consentimento por escrito da editora.

CL: 811067

CAE: 577025

Janaína Amado

Ilustrações de Gilberto Tomé

**ZUMBI,
O MENINO
QUE NASCEU
E MORREU
LIVRE**

1ª edição

Formato



*Para Maria José Almeida da Silva,
a Zeza, guerreira como Zumbi.*

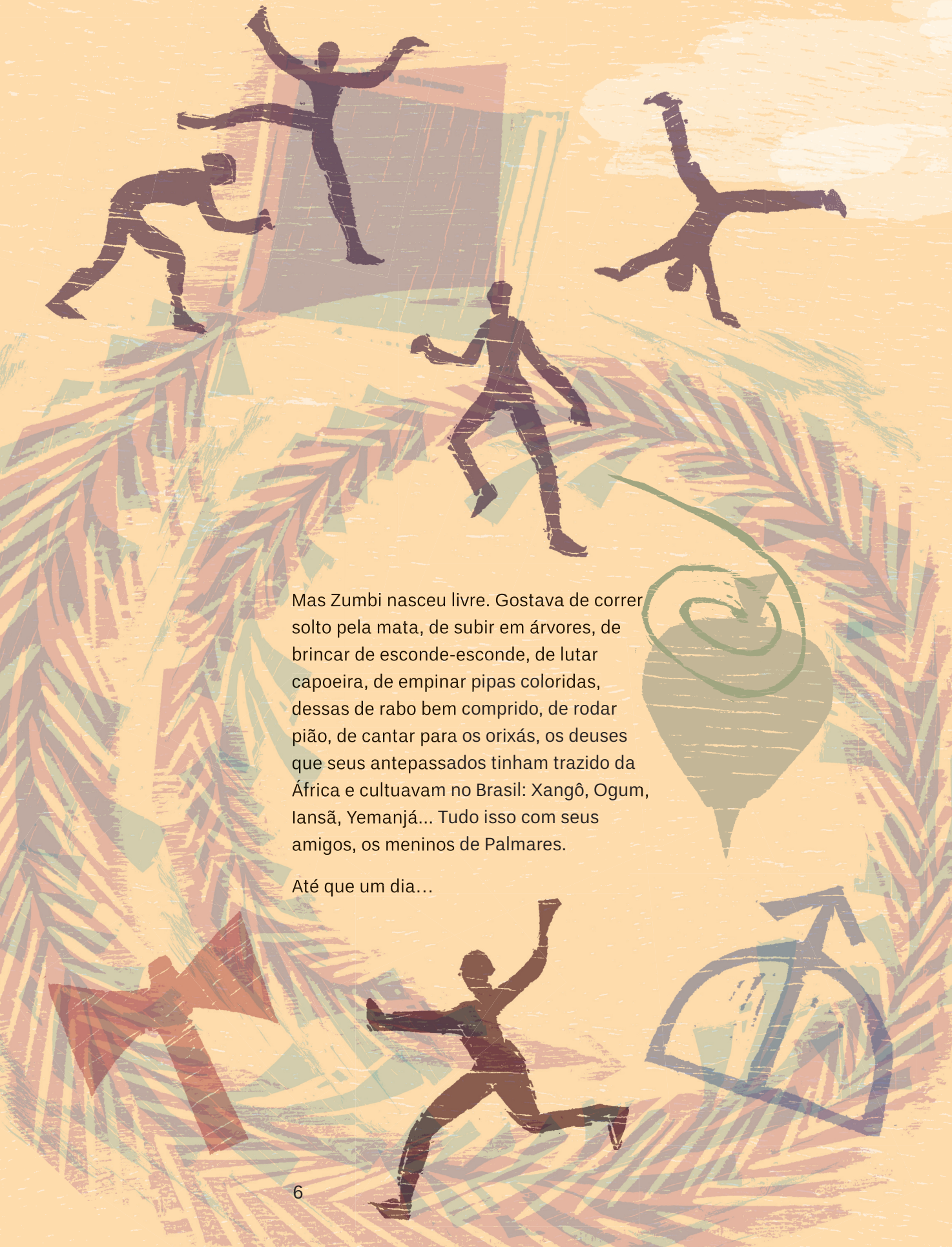


Há muitos e muitos anos, quando o mundo era bem diferente – havia poucas cidades e as onças urravam soltas pela mata –, nasceu um menino. Vamos chamá-lo de Zumbi, como ele ficou conhecido depois que cresceu.

Quando Zumbi nasceu – lá por volta do ano de 1665, em Palmares, que hoje fica no estado de Alagoas –, havia escravos no Brasil. Eram homens, mulheres e crianças, todos negros, trazidos de muito longe, desde a África, sua terra natal. Eles eram caçados como bichos na África, acorrentados e jogados em navios apertados e imundos, os “navios negreiros”, para uma viagem de horror e morte através do Oceano Atlântico.


No Brasil, eram vendidos como se fossem coisas, mercadorias, e obrigados a trabalhar para seus donos, os senhores brancos. Os escravos trabalhavam de graça. Recebiam apenas um lugar para morar, comida e alguma roupa para sobreviver. Se por acaso tentassem fugir, eram acorrentados e chicoteados, às vezes marcados com ferro quente no rosto: a marca, que ficava lá para sempre, era um grande “F”, primeira letra das palavras “fugitivo”, “fujão”.





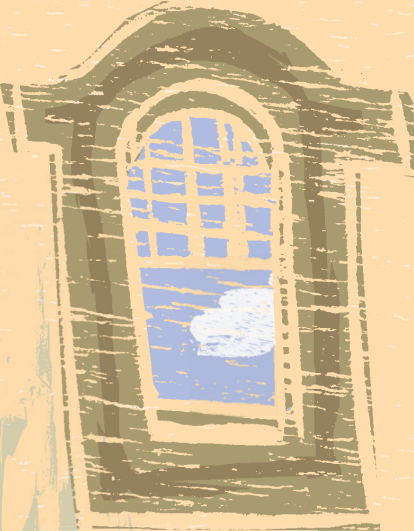
Mas Zumbi nasceu livre. Gostava de correr solto pela mata, de subir em árvores, de brincar de esconde-esconde, de lutar capoeira, de empinar pipas coloridas, dessas de rabo bem comprido, de rodar pião, de cantar para os orixás, os deuses que seus antepassados tinham trazido da África e cultuavam no Brasil: Xangô, Ogum, Iansã, Yemanjá... Tudo isso com seus amigos, os meninos de Palmares.

Até que um dia...



••• quando passeava distraído pela mata, o menino Zumbi foi capturado. Com as pernas e os braços amarrados, a boca tapada e um capuz preto sobre o rosto, sentiu que o jogavam dentro de um carro de boi. Sem poder se mexer, enxergar nem gritar, Zumbi só conseguia chorar.

O menino perdeu a conta de quanto tempo andou nesse carro de boi. Quase morreu de fome, de sede, de calor, de cansaço e de medo. Não sabia para onde o estavam levando, sabia apenas que o tinham separado de sua família, de sua gente. O que seria dele?



Quando lhe tiraram o capuz, Zumbi se viu num lugar totalmente estranho. Soube depois que era a casa de um padre, numa cidade desconhecida, muito longe da sua. Nessa casa Zumbi viveu durante anos. Ali aprendeu a ler, a escrever em português e a rezar a missa católica. Foi batizado pelo padre, recebendo um novo nome, um nome cristão, pelo qual passou a ser chamado ali: Francisco. O padre desejava que Zumbi se tornasse também padre, para ensinar a religião católica aos escravos. Zumbi aprendeu a cultura dos brancos, sua religião e como pensavam e agiam.